ArReDia
Revista da Faculdade de Comunicação, Artes e Letras / UFGD

O CONTO DO MAGISTRADO DE GEOFFREY CHAUCER: O PROCESSO DE SANTIFICAÇÃO NA BAIXA IDADE MÉDIA

The man of law's tale by Geoffrey Chaucer: the process of holiness in the low middle ages

Rafael Francisco Neves de Souza[i]
Márcia Maria de Medeiros[ii]
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

Resumo: Geoffrey Chaucer é considerado, por muitos estudiosos do espaço literário, como o pai da literatura inglesa e do idioma em que ela é escrita. Em seu livro *The Canterbury Tales* (Os Contos da Cantuária), o autor faz um panorama da sociedade inglesa da baixa Idade Média e, dentre os contos que constituem o texto, está o "Conto do Magistrado" o qual pode ser considerado, por sua estrutura, uma hagiografia aos moldes da *Legenda Áurea,* de Jacopo de Varazze. Esse artigo foi desenvolvido tendo como objetivo principal comparar a santificação da personagem Constância, de Chaucer, com três santas presentes na hagiografia: Santa Cecília, Santa Ágata e Santa Anastásia, que são apresentadas na Legenda Áurea. Foram personagens presentes na hagiografia de Jacopo de Varazze e comparadas com a vida difícil de Constância em o "Conto do Magistrado".

Palavras-chave: Literatura Inglesa. Legenda Áurea. Idade Média. Geoffrey Chaucer.

Abstract: Geoffrey Chaucer is considered by many scholars of literary space, as the father of English literature and language in which it is written. In his book The Canterbury Tales, the author makes an overview of the downtown English society Middle Ages and among the tales that make up the text, is the "The Man of Law's tale" which can be considered, in structure, hagiography to mold the Golden Legend of Jacopo of Varazze. This article was developed with the main objective to compare the sanctification of Constance character, Chaucer, with three saints present in hagiography: St. Cecilia, St. Agatha and St. Anastasia, which are presented in the Golden Legend. What were characters present in the hagiography of Jacopo of Varazze and compared with the difficult life of Constance in the "The Man of Law's tale."

Keywords: English Literature. Golden Legend. Middle Ages. Geoffrey Chaucer.

1. Introdução

"O Conto do Magistrado" apresenta um prólogo dividido em quatro momentos. No primeiro momento, Chaucer transparece seu ponto de vista através dos seus personagens. O prólogo está ligado à maneira de ver o mundo de Chaucer na Idade Média, sendo que esta visão está relacionada ao meio em que o autor viveu – a classe social da qual era oriundo e que estava sofrendo um processo de transformação por causa da ascensão da burguesia e o espaço social em que o autor se encontrava.

No segundo momento, existe uma relação entre a hagiografia[1] e o "Conto do Magistrado". Um pensamento contra a vida de luxo que provoca a sociedade burguesa apresentada pelo Mercador. Já no terceiro momento, o mercador afirma que a morte seria bem vinda e a aceita de bom grado, já que não aceitaria viver na miséria porque aquele que não vive dentro do seio burguês em ascensão não seria digno de ter uma vida plena e feliz e não receberia os valores da sociedade sendo assim desprezado. Portanto, mostra-se que o lucro e o ganho seriam de extrema importância, que estariam acima dos valores cristãos que foram pregados em toda Idade Média. E no quarto e último momento, o Magistrado afirma que conheceu essa história que ele narra por mercadores que faziam várias viagens[2]. Assim ele inicia a história da jovem Constância.

2. A Santa de Geoffrey Chaucer

Na Síria antiga, havia um grupo de mercadores que viajava para todos os lados trabalhando com vendas fazendo disso seu prazer de viver. Todos os vendedores desse grupo eram tidos como homens de boa conduta, e com isso eram recebidos por todos os povos, até que esses mercadores decidiram se aventurar até Roma, quando ouviram falar da jovem e imaculada Constância, filha do Imperador. Constância é apresentada para os leitores da seguinte forma:

> Nosso Imperador de Roma, – Deus o guarde! – tem uma filha que, pela sua formosura e sua bondade, não encontra rival no mundo. Pedimos a Deus que proteja a sua honra, e que um dia ela possa ser rainha de toda a Europa. Possui beleza sem orgulho; juventude, sem estouvamento ou imaturidade; em tudo o que faz, guia-se pela virtude; nela, a humildade matou a prepotência. É o verdadeiro espelho da gentileza; seu coração é a morada dos sentimentos santos; sua mão é o agente da caridade. (CHAUCER, 2003, p, 61).

Constância é apresentada para o leitor como uma mulher ideal, bela e jovem de qualidades virtuosas. Essa mulher idealizada é retratada como a feminilidade da Idade Média no modelo cortês, estudado por Georges Duby[3], em que a narrativa tem a dama como centro das atenções. Esses adjetivos atribuídos pelo narrador classificam Constância como uma moça que está no

[1]Hagiografias são textos típicos do período da alta idade média e idade média central as quais podem ser classificadas como biografias dos santos e santas cristãos as quais exaltavam os valores do cristianismo, como a castidade e a obediência, dos quais estes indivíduos eram imbuídos.

[2] Cresce aqui, a literatura com um todo, que teve seu início por viajantes que levavam e traziam histórias por todo o mundo (literatura oral). Com o tempo essas histórias foram transferidas para os livros.

[3] Ver Dubby, Georges. O modelo cortês. In: DUBY, Georges & PERROT, Michelle (orgs.) *História das Mulheres no Ocidente, Lisboa:* Afrotamento, 1990.

centro da história, em que a mulher possui todas as características de um ser completamente ideal.

Na Legenda Áurea, encontra-se inúmeras mulheres com as mesmas características de Constância, sendo a primeira delas Santa Lúcia, a qual Jacopo de Varazze apresenta ao leitor como "virgem de Siracusa, de origem nobre" (VARAZZE, 2003 p.77). A apresentação tão detalhada e exaltada de Constância mostra que Chaucer utiliza-se dos mesmos recursos da hagiografia de muitas santas na Legenda Áurea, como o caso da Santa Cecília:

> Cecília, virgem notável, de nobre família romana, educada desde o berço na fé em Cristo, sempre levava no peito o evangelho de Cristo e dia e noite, incessantemente, conservada com Deus, rezava e pedia ao Senhor que conservasse a virgindade. (VARAZZE, 2003 p.941).

Há que destacar que as mulheres representadas nas hagiografias possuem sempre uma beleza avassaladora, porém procuram ser castas e, assim, preservar sua virgindade. Constância se encaixa nesse parâmetro, mesmo se casando, ainda continua por preservar seu corpo e alma, questão que constitui característica fortíssima nas mulheres que buscam encontrar a santidade.

Depois que os viajantes ficaram sabendo da presença de Constância, voltaram para Síria onde falaram aos ventos sobre a iluminada mulher que era. Os boatos sobre a jovem chegaram rapidamente aos ouvidos do sultanato. Não precisou de muitos detalhes para que o sultão se apaixonasse por Constância e a quisesse tomar como esposa[4]. Porém, havia um problema que impedia o sultão de se casar com Constância – ele era muçulmano e ela era cristã. O conselho do sultão não considerou a sua ideia sensata, mas não poderia impedir que ele tomasse sua decisão, e ele decidiu se converter ao cristianismo para que o casamento se realizasse.

É importante que o pai de Constância estivesse interessado em dar a mão de sua filha, já que esse casamento era tão importante para a cristandade, mesmo que a levasse para tão longe da casa paterna. Entende-se que as mulheres nessa época não tinham voz, que eram apenas um "objeto" dentro do âmbito familiar e uma moeda de troca, que muitas vezes os noivos nem se conheciam e toda a política nesse caso era feita pelas famílias.

Contudo é possível acompanhar a lamúria de Constância ao saber que seria tomada como esposa. Com esses artifícios usados pelo narrador, constroem-se a santificação da personagem:

[4] Esse ponto usado pelo Geoffrey Chaucer, de um homem que se apaixona por uma mulher sem ao menos vê-la faz presente não apenas no "O Conto do Magistrado", mas em outras histórias como "O Conto do Cavaleiro", portanto destaca-se também uma presença do Amor Cortês. Ver: CAPELÃO, A. Tratado do Amor Cortês**.** São Paulo: Martins Fontes, 2000.

> Pai, disse ela, "que com tanto carinho criaste tua jovem filha, tua infeliz criança; e tu, minha mãe, meu maior consolo em todas as coisas, com exceção de Jesus na altura; Constância recomenda a si própria à vossa graça, pois devo ir para a Síria e nunca mais voltar a pôr os olhos em vós. Ai, por vossa vontade, devo viver numa nação bárbara... Que Cristo, que morreu por nossa redenção, me dê forças para seguir os mandamentos seus! Pobre de mim, se eu morresse, quem iria se importar com isso? As mulheres nascem para a servidão e o sofrimento, tendo que curvar-se aos desejos dos homens. (CHAUCER, 2003, p. 62).

Na hagiografia da Santa Cecília, a mesma foi prometida em casamento e passa pelo mesmo processo de lamento de Constância: "Que meu coração e meu corpo, Senhor, permaneçam imaculados, que eu não experimente nenhuma perturbação". (VARAZZE, 2003, p.941). Assim Constância foi levada a navegar pelo mar rumo à Síria como futura sultana. No entanto, a mãe do sultão não contente com a decisão do filho, achou por bem acabar com a sua alegria, colocando-se contrária à sua decisão de se converter ao cristianismo.

A personagem sultana que será a futura sogra de Constância representará mais um dos elementos que ajudam a personagem a crescer dentro do processo de santificação. Basta apenas perceber como o narrador destaca as atitudes e maldades infernais da sogra de Constância.

Quando soube que seu filho abandonaria o islamismo para se casar com Constância, a malvada sultana reuniu o Conselho e afirmou que iria tomar todas as providências para que seu filho voltasse atrás em sua decisão. E ela articulou o seguinte plano:

> Primeiro fingiremos aceitar o cristianismo... A água fria não vai nos fazer tanto mal! Depois, prepararei um banquete e uma festa a fim de, espero, poder enganar o Sultão. E lá, mesmo que sua esposa esteja branca e imaculada pela graça do batismo, não terá água bastante para lavar o vermelho, ainda que traga consigo uma fonte a transbordar. (CHAUCER, 2003, p. 62 e 63).

Constância não sabia, mas era essa inimiga que a esperava na Síria, era contra essa inimiga que a pobre e doce Constância teria que pedir proteção a Cristo, que ela tanto adorava. O narrador destaca a cruel sultana da seguinte maneira "(...) Oh víbora de rosto feminino, como a serpente que está presa lá no inferno!" (CHAUCER, 2003, p. 63). Chaucer construiu uma personagem extremamente cruel e diabólica. Quanto maior for o inimigo e suas falcatruas, maior será a santificação a ser alcançada pela figura a ser divinizada. Como se fosse um processo de transformação através da dor daquele que será santificado

e esse processo de dor se encontra em praticamente todos os santos e santas da Legenda Áurea, como o caso da Santa Ágata:

> E mandou que jogassem pelo chão cacos de cerâmicas, e sobre eles brasas ardentes, arrastando depois por ali seu corpo nu. Enquanto assim faziam, ocorreu um terrível terremoto, que abalou a cidade inteira, esmagou dois conselheiros de Quintiano sob as ruínas do palácio e fez todo o povo ir até o cônsul, gritando unicamente que era por causa da injusta crueldade exercida contra Ágata que tudo aquilo ocorria. (VARAZZE, 2003, p.259).

Percebe-se, através da citação acima, todo o processo de dor que Santa Ágata passou para que se alcançasse a justiça dos céus e que os inimigos começassem serem punidos. Jacopo de Varazze exemplifica bem esse detalhe quando os santos e santas passam por esse doloroso caminho de se alcançar o paraíso ao lado de Cristo.

A cruel sultana deu procedimento ao seu plano dizendo ao seu filho que gostaria de preparar uma bela festa, além de uma conversão próxima ao cristianismo. O pobre sultão, sem saber como agradecer a sua mãe, ajoelhou-se aos seus pés, e a beijou (como Judas fez com Jesus) e partiu para concluir seu plano maléfico. E, quando chega o dia da festa planejada pela sultana, todos os cristãos presentes foram apunhalados e trucidados durante a festa, inclusive o próprio filho. Constância foi posta em um barco sem remos para que morresse às mínguas no mar. No entanto, mantendo a sua fé, a jovem faz a seguinte oração à Cristo:

> Oh claro e bendito altar, oh santa cruz, rubra do precioso sangue do Cordeiro, que lavou o nosso mundo da velha iniquidade! Protege-me do demônio e de suas garras no dia em que eu tiver que me afogar nas profundezas. Árvore vitoriosa, escudo dos fiéis, tu que, sozinha, foste digna de suster o Rei do Céu com suas novas chagas, o cândido Cordeiro ferido por uma lança, tu que expulsas o demônio dos homens e das mulheres sobre os quais estendes fielmente os braços, vem proteger-me, vem dar-me forças para me emendar! (CHAUCER, 2003, p. 64).

Na Legenda Áurea também há relatos de uma travessia, a de santa Maria Egipcíaca, inclusive referendada por Chaucer no poema. Na hagiografia desta santa consta que, nascida no Egito, aos 12 anos ela foi para Alexandria onde, a partir dos 17 anos entregou-se à prostituição. Quando alguns homens da região embarcaram para Jerusalém com a intenção de adorar a Cristo e a santa Cruz, ela pediu aos marinheiros que a levassem com eles. Como não tinha dinheiro para pagar a passagem, ofereceu aos marinheiros seu corpo como pagamento. Em Jerusalém, ela pediu perdão pela sua vida pregressa cheia de devassidão e

prometeu manter, doravante, a castidade, indo meditar no deserto para purgar seus pecados.

Constância navegou por muito tempo até chegar a um lugar muito distante, mas que também era terra de pagãos. Entretanto, a jovem imaculada foi acolhida por um nobre homem, juntamente com a sua esposa, que ficou tão encantada com a fé de Constância que acabou se convertendo ao cristianismo[5]. Mesmo tendo encontrado um lugar que a pura Constância pudesse praticar suas obras no meio pagão, ela ainda seria colocada em prova:

> Satã, que está sempre à espreita para nos apanhar, vendo a perfeição de Constância, tratou logo de imaginar um modo de castigá-la por suas obras. Para isso, fez que um jovem cavaleiro, que vivia no mesmo local, sentisse por ela um amor tão ardente, uma paixão tão voluptuosa, que lhe pareceu que ia morrer se não satisfizesse imediatamente o seu desejo. (CHAUCER, 2003, p. 65).

O cavaleiro fez de tudo para que conseguisse possuir Constância, mas seus esforços foram todos em vão, já que ela se negou, como previsto, ceder às tentações da carne. Totalmente frustrado e consumido pelo pecado da ira, o cavaleiro degolou a esposa do nobre que abrigava Constância, aproveitando que ele estava viajando. O cavaleiro, depois de ter matado a mulher, colocou a faca do crime nas mãos de Constância enquanto ela dormia, com a intenção de incriminá-la.

Muitos devem se perguntar como ele conseguiu fazer esse feito do assassinato sem ao menos acordar a jovem Constância. Esse processo faz parte de todo o universo literário, apenas nesse universo literário é possível criar situações em que possam conceder situações como essa.

Quando o nobre voltou de viagem, trouxe consigo o rei do país, e não demorou que soubesse da triste notícia. Constância foi levada perante o rei e ele sentiu-se angustiado por ver tamanha bondade da jovem na sua frente. Contudo, o verdadeiro culpado ainda continuava por acusá-la pelo seu próprio crime, com isso não sobraram alternativas que não julgar Constância. Todos que presenciavam tamanha crueldade com a jovem caíram em desgosto e se lamentaram por ela, com isso, o rei decidiu que seria melhor se aprofundar no assunto e ver o que realmente havia acontecido.

Todo o lamento, não apenas da multidão, mas também do rei, mostra toda a santificação e a redenção divina que é envolta em Constância já que até o momento ela não se manifesta devidamente, dizendo que não havia matado a

[5] Na Legenda Áurea, destacam-se em sua maioria, inúmeros santos e santas que, por sua fé em Jesus Cristo, convertem a todos. Como um dos exemplos é a Santa Cecília (Hagiografia de número 163, p. 941).

pobre mulher que a acolhera. Ela apenas reza! Nesse processo de ser levada ao rei, Constância ora a todo o momento, sua fé é a única coisa que a motiva, enquanto o cavaleiro que a condenou pelos falsos crimes continua por acusá-la.

Constância é levada como Jesus Cristo foi levado para a cruz. Esses processos que o Magistrado vai mostrando durante a história, afirmam o amadurecimento na evolução de santificação de Constância. Ter a piedade do rei e da multidão a torna uma personagem que está acima dos outros dentro do Conto do Magistrado, fazendo com que ela se iguale a centenas de santos e santas dentro da Legenda Áurea. O foco da história se entrelaça em como a fé pode derrotar o mal.

Apesar de toda essa comoção geral girar em torno do julgamento da Constância, ela ainda é uma mulher que está sendo julgada por outros homens e está sendo acusada por um cavaleiro que, dentro do universo medieval, possui toda pompa e prestígio. Torna-se um momento tão crítico, que até mesmo o narrador se coloca em estado de tensão dizendo:

> Ai, Constância! Não tens nenhum paladino; e sozinha não podes, – oh desventura, defender-te na batalha! No entanto, Aquele que morreu pela nossa redenção e aprisionou Satã (e ele ainda jaz onde jazia) deverá ser hoje o teu campeão! Porque, se Cristo não fizer perante todos um milagre, sem culpa tu serás executada. (CHAUCER, 2003, p. 65).

Situações como essa em que a tensão e a treva formam elementos para a construção da santidade são recorrentes na Legenda de Jacopo de Varazze. Exemplo deste processo pode ser demonstrado na hagiografia de São Tiago, o Cortado. Este mártir, de acordo com sua história, bastante considerado pelo rei dos persas, afligiu-se por ter-se deixado levar pela idolatria deste último e por livre e espontânea vontade comunicou-lhe a sua disposição de retornar à verdadeira fé. É no desdobramento desta situação que se desenvolve o diálogo que segue:

> Como se afligia muito com seu erro, mandou um mensageiro dizer ao príncipe que era cristão. O príncipe o convocou: 'Diga-me se você é nazareno'. Tiago: 'Sim, sou nazareno'. Ele: 'Portanto é mágico'. Tiago: 'Deus queira que não!'. E diante da ameaça de muitas torturas, Tiago disse: 'Não me assusto com suas ameaças, pois elas passam por meus ouvidos tão depressa quanto o vento que sopra sobre a pedra'. O príncipe: 'Não seja imprudente, sob risco de receber uma morte cruel'. Tiago: 'Não é morte que se deve dizer, mas sono, já que pouco tempo depois é concedida a ressurreição'. O príncipe: 'Que os nazarenos não o seduzam dizendo que a morte é um sono, quando os maiores imperadores a temem'. Tiago: 'Nós não tememos a morte, pois esperamos passar da morte à vida'. Então o príncipe, aconselhado por

> seus amigos, para aterrorizar outros cristãos sentenciou Tiago a ser cortado em pedaços. (VARAZZE, 2003, p. 974/975).

Quando levada ao julgamento, Constância faz uma breve oração para Deus, pedindo para que o Criador tivesse piedade dela e que ela fosse liberta de tal acusação falsa, caso isso não acontecesse ela seria condenada à morte. E é nesse momento que o rei pede para que tragam um livro sagrado, para que o cavaleiro que estava acusando Constância jurasse sobre a Palavra Sagrada serem reias todos os fatos que ele afirmou sobre a jovem princesa. É imediato o resultado da oração de Constância, com isso confirma a inocência dela e a felonia[6] do cavaleiro que dizia honra aos seus valores da cavalaria:

> Trouxeram um livro bretão, com os textos evangélicos; e sobre esse volume jurou o acusador que ela era a culpada. Imediatamente, à vista de todos, uma mão o golpeou no pescoço e ele veio ao chão pesado como uma pedra, com os dois olhos fora das órbitas. E então se ouviu no recinto uma voz que dizia: "Na presença do rei caluniaste a filha inocente da Igreja". Fizeste isso, e eu me calei! (CHAUCER, 2003, p. 66).

Foi quando toda multidão viu que Constância de fato era abençoada e protegida por Deus e com medo de que todos pudessem sofrer o mesmo castigo, se silenciaram. Com esse milagre, o rei e muitos do que acompanharam o julgamento da princesa Constância se converteram para o cristianismo. Então, o rei vendo que o cavaleiro não era digno, diante de tamanha mentira, ordenou sua execução. Todavia, como era previsto, Constância intercedeu pela vida do cavaleiro. E para felicidades de muitos, Constância se casou com o rei: "E, em seguida, Jesus, por sua mercê, fez o monarca desposar solenemente a santa virgem, tão cândida e luminosa. E, dessa maneira, Cristo a fez rainha". (CHAUCER, 2003, p.66).

Tamanha provação na vida de Constância ainda não teria fim. A mãe do rei, sabendo do casamento, ficou extremamente desgostosa, achando que a atitude do filho de se casar com uma mulher completamente estranha poderia arruinar a todos. E novamente o sofrimento se instala na vida de Constância que poderia finalmente ter um final feliz e encontrar a sua santidade, mesmo sendo rainha. Mas a sua santidade ainda estava por ser testada e a sua figura como uma mulher puramente fiel a Deus ainda iria ser fortificada. O Magistrado não dá detalhes sobre como foi a festa de casamento do rei e Constância, ele apenas confirma a santidade da jovem como mulher do rei:

[6] Felonia é um pecado mortal na Idade Média, sendo considerado como a traição do vassalo ao seu senhor. De acordo com o texto bíblico, o primeiro a cometer este crime foi Lúcifer, daí ter sido arrojado ao inferno. No caso específico, o cavaleiro cometeu a felonia ao trair seu juramento de cavalaria, que inclui entre outras coisas, não levantar falso testemunho e não mentir.

> Depois, como é certo e apropriado, os noivos foram para a cama, – pois, ainda quando as mulheres vivem na castidade, à noite elas precisam aceitar com paciência as coisas necessárias à satisfação daqueles que as desposaram com alianças, deixando de lado, por algum tempo, a sua santidade (mesmo porque não há outro jeito). (CHAUCER, 2003, p.66).

Com a citação acima, nota-se que mesmo a mulher que escolheu viver preservando sua virgindade, a partir do momento em que ela se casa, o seu corpo pertence aos prazeres do homem. A Idade Média possuía de fato um culto à virgindade, que a mulher seria como um padrão de perfeição para que aproximassem da santidade. Jacopo de Varazze mostra que são inúmeras as mulheres que preservavam sua virgindade e que muitas foram martirizadas por guardar seu corpo:

> Cecília, virgem notável, de nobre família romana, educada desde o berço na fé em Cristo, sempre levava no peito o evangelho de Cristo e dia e noite, incessantemente, conversava com Deus, rezava e pedia ao Senhor que lhe conservasse a virgindade. Ela foi prometida em casamento a um jovem chamado Valeriano, e no dia das núpcias, debaixo das vestes bordadas a ouro, Cecília cantava também em seu coração, dizendo: "Que meu coração e meu corpo, Senhor, permaneçam imaculados, que eu não experimente nenhuma perturbação." Ela passou dois ou três dias na prece e no jejum, pedindo ao Senhor que não me acontecesse o que temia. (VARAZZE, 2003, p. 941).

Depois de se casar com o rei, Constância engravida e dá a luz a um menino chamado Maurice[7], e nesse momento sua cruel sogra vê uma oportunidade de pôr um fim na sua nora e em seu neto. Um dos emissários que deveria levar a carta ao rei dizendo que seu filho havia nascido passa primeiro no castelo da mãe do rei, e, nesse momento, ela troca a carta por uma que ela mesma escreveu: "Dizia que a rainha dera à luz uma criatura diabólica tão horrível que ninguém tinha coragem de ficar com ela no castelo; dizia também que ela era um espírito maligno, que viera ter ali à custa de feitiçarias e encantos, e que, por isso mesmo, todos detestavam a sua companhia." (CHAUCER, 2003, p. 67).

Assim que o rei tem em mãos a carta, ele ficou extremamente triste, no entanto alerta aos seus companheiros do reino, para que protejam sua mulher e filho, independente do como for o filho até que ele retorne ao reino. O rei

[7] Aliás a hagiografia de número 134 da Legenda Áurea, RETIRAR VÍRGULA conta a história de São Maurício e seus companheiros, todos eles mártires do cristianismo. De acordo com o texto de Varazze, Maurício era o líder da Legião Tebana e converteu-se, junto com seus soldados graças à pregação de São Tiago e se negaram a sacrificar ais REVER deuses, sendo, portanto, decapitados.

escreve essa carta e pede ao seu mensageiro para que a leve sem demora, para aqueles que cuidam de sua família. Entretanto, o mensageiro novamente passa no castelo da mãe do rei, onde ela altera novamente as cartas, enquanto o mensageiro toma alguns goles de vinho. O Magistrado apresenta as seguintes palavras segundo a mãe do rei:

> Em nome da alta justiça, o rei ordena a seu condestável, sob pena de enforcamento, que de forma alguma permita que Constância permaneça em seu reino mais que três dias e um quarto. Deverá ele colocá-la de volta no barco onde foi encontrada, juntamente com sua criança e suas tralhas, impeli-la para longe da praia e intimá-la a que não volte nunca mais. (CHAUCER, 2003, p. 67).

Todos no reino choram quando descobrem como seria o fim de Constância e seu pobre filho. E nesse momento de extrema tristeza, novamente Constância cai em oração para que Cristo tenha misericórdia não apenas dela, mas sim de seu filho que agora ela segura nos braços:

> Senhor, tudo o que mandas é benvindo! Amigos, Aquele que me salvou da calúnia, quando eu estava convosco em terra, pode igualmente salvar-me do mal e da desgraça no meio do mar salgado, – embora eu não saiba como. Se Ele então era forte, agora também o é. Nele confio, e em sua mãe querida, que é a vela e os remos para mim. (VARAZZE, 2003, p. 68).

E novamente Constância se aventura em um barco, perdida no mar, junto de seu filho e eles ficam cinco anos vagando. Quando o rei volta para casa e vê que sua mulher e filho não estão em seu reino e descobre todos os maus feitos de sua mãe, ele a mata e seu coração cai em desilusão, devido à perda de sua amada mulher e filho que ele nunca viu. E Constância seguia perdida, porém, depois de muito navegar, ela para em uma ilha que, segundo o Magistrado, era um lugar de pagãos. Mais uma vez a jovem sofreu por estar correndo perigo e mais uma vez o Criador a protegeu, impedindo que alguém lhe fizesse mal.

Há que se destacar que assim que Constância chegou a essa ilha, um ladrão, que ali vivia, tentou persuadi-la, mas dessa vez, ela foi protegida por Virgem Santíssima, como diz o Magistrado: "Mas a Virgem Maria a salvou, pois, quando o malvado se atracou com ela, que resistia com todas as suas forças, ele escorregou e caiu no mar, e lá morreu afogado, como merecia." (CHAUCER, 2003, p, 68).

Depois de tal sofrimento, Constância continuou sua viagem com seu filho nos braços, mas inexplicavelmente ela acaba por voltar a Roma, onde foi encontrada por um nobre senador romano que havia partido da Síria

justamente para combater os inimigos da jovem. E como muitos anos haviam se passado, o senador não a reconheceu como filha do imperador, sem ressaltar que ela estava com um filho nos braços. Assim, ela foi levada como a mulher do nobre, onde passou a cuidar do seu filho, mas em nenhum momento ela dizia a ninguém sobre sua origem nobre.

E a vida dessa mulher abençoada que sofreu tantas dores e desencontros, parecia finalmente estar encontrando seu final. A vida de Constância seguia calmamente, não deixando de praticar suas obras santas: "Longo tempo morou a infeliz naquela casa, dedicando-se a obras santas, como era de seu feitio." (CHAUCER, 2003, p.68). Até que um dia chegou uma notícia que o rei de Northumberland viria a Roma em peregrinação. Esse rei era ninguém menos que o marido de Constância, que vinha para Roma para se purgar do remorso que a morte da mãe lhe causava. Com isso, o mesmo senador, que ajudara Constância, decidiu que iria dar um banquete para o rei, e durante esse banquete o filho de Constância compareceu, fazendo com que o rei ficasse extremamente impressionado com a semelhança do filho com de sua amada esposa.

E foi nesse momento que ele o reconheceu como filho e Constância assumiu sua verdadeira identidade, voltando até a ver seu pai, que ela não via há tempos. O rei, Constância e seu filho voltaram para seu país de origem, onde ficaram por algum tempo. Mas com o tempo, o marido de Constância morre e, por esse motivo, ela e seu filho voltaram para Roma, onde ela viveu por muitos anos, até que a morte os acolhesse. E por fim, havia acabado a história da abençoada Constância.

3. Considerações Finais

Muito poderia se destacar para permitir afirmar que a história de Constância é de fato uma hagiografia, já que assim como na *Legenda Áurea*, "O Conto do Magistrado" possui todas as características que focam na santificação e no ideal para que isso ocorra, como no caso de Constância, Santa Ágata, Santa Cecília e outros citados no desenvolver do texto. Todas as mulheres que são universalizadas como santas nesse contexto possuem um perfil de nobre, virgem, fé, fiel a Cristo e a sua incontestável capacidade de converter as pessoas para o cristianismo pela sua graciosidade.

No decorrer da história, Constância, em nenhum momento deixou de acreditar na promessa de Cristo, em nenhum momento ela deixou de cumprir seu papel como mulher do rei, filha e mãe (ficando cinco anos, sozinha cuidando de seu filho navegando em um barco, recebendo a interseção da Virgem Maria).

Mesmo quando ela foi condenada a navegar duas vezes, correndo inúmeros riscos, Deus também cumpriu com sua promessa, não a abandonando, quando uma mão misteriosa veio a seu socorro no julgamento, mostrando quem era o culpado, mostrando o caminho para casa, colocando-a em lugares que, mesmo com perigos, havia pessoas que estavam dispostas a ajudá-la. E por fim, ela pode descansar em paz ao lado do marido e depois do pai. Esses processos de milagres apenas aconteceram, porque em todo desenvolver da narrativa existe uma luta constante entre o bem e o mal. Existe uma representação simbólica da luta entre Deus e o diabo, para que cada ser humano possa alcançar o paraíso, ou não.

Constância, assim como outros personagens de uma hagiografia, são destacados como seres ideais, que não são iguais como outros personagens constituídos na narrativa. Eles estão além das expectativas que outros personagem possam transmitir. Constância possui uma áurea que a torna simbólica, no entanto, tanto o sultão, o rei com quem ela se casou, os dois homens que durante a narrativa tentaram possuí-la, ficam cegos com tamanha mansidão da jovem. Isso mostra que além de sua grande capacidade de encantar a todos, em nenhum momento os homens em geral a veem como uma mulher santificada, mas sim como uma mulher em sua origem de carne.

Referências

CHAUCER, Geoffrey. *The Canterbury Tales*. London: Penguim Books, 2003.

DUBY, Georges**.** O modelo cortês. In: DUBY, Georges & PERROT, Michelle (orgs.) *História das Mulheres no Ocidente*, Lisboa: Afrontamento, 1990.

DUBY, Georges. *Idade Média, Idade dos Homens*. 3 ed, São Paulo: Cia das Letras, 1989.

VARAZZE, Jacopo de. *Legenda Áurea.* São Paulo: Cia das Letras, 2003.

[i] E-mail do autor: rafael_new18@hotmail.com
[ii] E-mail da autora: maeve-35@hotmail.com